

Sociologie du Sport

Jacques Defrance

Luís Otávio Teles Assumpção

A Sociologia do Esporte constitui-se, particularmente no Brasil, em um objeto de pesquisa bastante recente. Geralmente, as análises que tomam o esporte como tema de estudo restringem-se aos aspectos fisiológicos. Raras são as reflexões que o tratam pela perspectiva das Ciências Sociais. Neste sentido, aparece em momento bastante oportuno um trabalho como o de Jacques Defrance.

Este livro introduz o leitor neste ramo da Sociologia. Anuncia temas, apresenta orientações, problematiza, preocupando-se em manter um ponto de vista crítico. Não é seu principal interesse obter respostas mas, sobretudo, estimular o leitor. Serve como uma espécie de “mapa de orientação”. Os interessados no assunto têm à disposição um trabalho que ordena uma multiplicidade de orientações pelas quais a Sociologia do Esporte pode se desenvolver.

À medida que apresenta os diferentes temas e realiza um pequeno sumário sobre cada um deles, o autor tem o cuidado de remeter o leitor para uma extensa bibliografia (nenhum trabalho em língua portuguesa) ao final do volume, onde o assunto é estudado mais aprofundadamente.

O livro de Defrance está dividido em “Introdução” e seis capítulos. A seguir apresentaremos cada um deles e suas idéias principais.

Na *Introduction*, o autor começa por justificar a necessidade de desenvolvimento da Sociologia do Esporte. Chama a atenção para o fato de a

Defrance, Jacques (1995) *Sociologie du Sport*. Paris: Éditions La Découverte.

Luís Otávio Teles Assumpção é professor de Sociologia do Esporte da Universidade Católica de Brasília e de Sociologia do CEUB.

atividade física interessar a diversas instituições sociais como, por exemplo, às forças armadas e às escolas. Também lembra a complexidade do mundo esportivo (regulamentos, federações, formas de sociabilidade, cursos, organização de espetáculos), o que tem levado diferentes Estados a criar organismos de especialistas.

O autor levanta, ainda, questões sociológicas que podem ter como efeito provocar, no leitor não familiarizado com o tema, a reflexão acerca dos assuntos a serem desenvolvidos. Neste sentido, propõe algumas interrogações: (a) como se deu a gênese dos esportes modernos? (b) como os esportes ingleses foram difundidos e impostos, enquanto modelo de prática, em contextos tão diversos, e de forma tão rápida? (c) como se deu o processo de diferenciação de esportes fortemente mundializados, entre a América do Norte (beisebol, futebol americano, basquete) e a Europa (futebol, *rugby*, ciclismo).

No primeiro capítulo — *Genèse de l'institution sportive moderne* — o autor questiona se os esportes da época contemporânea possuem um caráter único na História — podem ser estudados isoladamente ou devem ser analisados como uma continuação dos jogos gregos, romanos, medievais e dos exercícios dos nobres dos séculos XVI-XVIII? Segundo Defrance, historiadores e sociólogos insistem na ruptura histórica entre, de um lado, as épocas antiga, medieval e clássica e, de outro, a época contemporânea. Isto justificaria a atenção da Sociologia do Esporte às formas especificamente “modernas”.

Em seguida, ele apresenta três hipóteses que procuram explicar as origens dos esportes modernos.

Expõe-nos a explicação marxista — a qual privilegia o contexto econômico no qual se forma o esporte: o papel das relações desiguais, a ligação entre o esporte e uma concepção mais larga da educação (“ideologia”), a organização social (onde a dimensão simbólica do esporte é negligenciada e as relações com o nacionalismo são eclipsadas), a categoria de tempo (medida e valorização de recordes esportivos, analogamente ao trabalhador industrial), a maneira como o corpo é instituído como receptáculo de todo valor produtivo do indivíduo (meio colocado a serviço de uma produção coletiva de recordes), a visão de uma progressão indefinida de *performances* (ligada a uma concepção otimista e positivista da história) e a crítica da cultura de massa e da alienação das classes populares pela indústria do espetáculo esportivo. Neste sentido vale citar uma passagem de um autor marxista — J.-M. Brohm — neste campo:

“on ignore à peu près totalement les effets réels, de masse, du fait sportif: par exemple, les effets du spectacle sportif, et de l'idéologie véhiculée par eux, sur la conscience politique des spectateurs, l'effet hypothétique de 'catharsis' de l'effort sportif sur les adolescents, le rôle réel de l'idéologie du fair play et de la coexistence pacifique sur la vie quotidienne réelle des citoyens”.

Lembra Defrance que esta visão crítica apoiará importantes movimentos no seio do esporte, tais como o boicote à Copa do Mundo de futebol na Argentina, em 1978, ou aos Jogos Olímpicos em Moscou em 1980.

Em seguida, expõe a perspectiva que entende o esporte como produto da ética protestante. Nesta, a atividade esportiva é vista como a racionalização da vida social no mundo industrial sob o impulso do protestantismo e o esporte é entendido como uma prática que visa objetivar e medir o resultado das ações e dos atos relativos ao corpo.

A terceira hipótese deriva dos trabalhos de Norbert Elias. Segundo este autor, o processo de civilização — arcabouço teórico por ele desenvolvido — transforma os jogos em esporte. Este processo se opera à medida que se formam os Estados-nação modernos, nos quais o uso da violência é monopolizado e os desacordos devem ser regidos sem brutalidade. Os jogos de bola e de combate tornam-se enfrentamentos regrados, onde a violência é atenuada.

Apresentadas as hipóteses, Jacques Defrance expõe a discussão acerca do processo de difusão e institucionalização do esporte. Questiona as condições sociais e econômicas que devem ser apresentadas nos países “acolhedores” para que o esporte “inglês” possa se implantar e a razão de certos esportes possuírem difusão internacional (futebol) e outros, difusão colonial (*rugby, cricket*).

Sobre a institucionalização do esporte, ele ressalta a importância crescente do Estado na gestão desta atividade. O esporte, aqui, é interpretado como fonte de emprego, vetor de integração social, suporte de identificação coletiva, recurso de saúde e matéria de educação.

No segundo capítulo — *Sports et structures sociales* — o autor chama a atenção para os estudos que analisam as diferenciações existentes neste domínio: diferenças de classes sociais, que conduzem a diferentes práticas esportivas; diferenças nas formas de associação; diferenças entre esporte de lazer e esportes competitivos; diferenças de sexo e de idade e conseqüentes atitudes segregativas; diferenças nas estratégias para se impor no esporte internacional, estabelecendo uma verdadeira divisão internacional do traba-

lho esportivo, e diferenças no crescimento do esporte enquanto comércio, espetáculo e violência.

Neste capítulo vale ressaltar a interessante contribuição do grupo de Pierre Bourdieu, o qual, partindo do conceito de *habitus*, procura demonstrar como as escolhas em matéria esportiva guardam estreita coerência com as escolhas culturais dos mesmos agentes.

No terceiro capítulo — *La culture sportive* — o autor chama a atenção para as atitudes reticentes em relação à Sociologia do Esporte. Segundo ele, o gosto por estas atividades é, não raras vezes, percebido como marca de incultura. O autor acrescenta, ainda, a dificuldade em se pensar *uma* cultura esportiva, já que coexistem diferentes formas de engajamento nesta prática e que, para apreender as dimensões culturais do esporte, seria necessário colocar, simultaneamente, um quadro global e uma série de objetos esportivos particulares.

Ainda neste capítulo, Defrance pergunta sobre as relações entre o esportista e o próprio corpo. Diversas possibilidades de análise são apresentadas: (a) a crítica ao modelo tradicionalmente esportivo do homem branco, de classe superior, urbano e heterossexual, o qual é ameaçado pelo desenvolvimento de novos modos de vida urbana (participação de imigrantes, mulheres, operários, “gays”, etc); (b) o corpo, especialmente em esportes de enfrentamento, é entendido como arma e poder, sendo que a violência — no âmbito das regras, e não produzida pela ira — não é definida como tal; (c) a diferenciação de culturas corporais de classe, modeladas pelo treinamento específico de certos esportes.

Neste capítulo Jacques Defrance analisa em particular uma cultura esportiva — o futebol. Segundo ele, o sistema de diferenciações culturais que fragmenta o mundo dos esportes levanta para o pesquisador a possibilidade de realizar estudos privilegiando um esporte em particular, onde se busca o “espírito”, os valores e os ritos, tornando inteligíveis os processos e as mediações, que fazem de cada esporte um lugar privilegiado de afirmação de valores. O tema central é entender como um clube e uma partida de futebol podem ser suporte de identificações, de simbolizações e de ritualizações, uma vez que a estrutura do jogo é propícia à expressão de antagonismos coletivos (guerra ritualizada, metáforas militares, aparência de cerimônia religiosa).

O *anexo* deste capítulo apresenta os estudos sobre o papel dos meios de comunicação no esporte. Ele está subdividido em três subítens: (a) o público

nos estádios, onde se analisa sua presença segundo diferentes esportes e seu declínio quando da entrada da televisão; (b) a análise do impacto da televisão e a diferenciação sexual e de classes em relação aos diferentes esportes televisionados; e (c) apresentação dos diferentes estudos sobre o poder da mídia, quando regras esportivas chegam a ser modificadas para que se valorize a dimensão espetacular.

O quarto capítulo — *Les fonctions sociales du sport* — realiza uma análise funcionalista, refletindo sobre o impacto, a eficácia e a utilidade desta prática. Dois são os subítens nos quais o capítulo está dividido: o primeiro concentra-se na discussão das funções “físicas” do esporte, privilegiando o estudo das funções sanitárias e da melhoria do bem-estar social que ele pode proporcionar; e o segundo concentra-se nas funções simbólicas, quando são realizadas análises em termos de identificação coletiva, construção de figuras heróicas e elaboração de fatos míticos.

O quinto capítulo — *L'organisation et son contrôle* — analisa o esporte sob três perspectivas organizacionais. A primeira delas é um estudo sobre a gênese das organizações: analisa-se a passagem do mecenato para o profissionalismo. Em seguida, é estabelecida uma relação entre a estabilização das regras e a institucionalização do esporte. E, finalmente no terceiro ítem, o autor apresenta diversos modelos de organização — federações, esporte profissional, laico, de direita, de esquerda e o papel exercido atualmente pelas organizações internacionais.

No último capítulo do livro — *Les définitions du sport et leurs enjeux* — o autor apresenta a complexa discussão dos especialistas sobre a definição precisa do objeto de seu estudo. Ele apresenta uma discussão de caráter histórico, demonstrando como os diversos pontos de vista transformaram-se no tempo. Num primeiro momento, o esporte era definido como brincadeira ou simples prazer para, no final do século passado, ser entendido como atividade que supunha desgaste de energia muscular e engajamento competitivo. A Primeira Guerra mundial marcaria o fim desta tendência, passando a ser incorporadas as formas moderadas, temperadas e calculadas. Nos anos cinquenta, começam a prevalecer as definições oriundas das Ciências Humanas: distinguem-se as formas leves e efêmeras e os papéis transitórios e de impacto limitado dos jogos e das distrações das características de trabalho altamente especializado dos esportes competitivos. É deste período a definição bastante aceita de Norbert Elias: “o esporte é uma forma de combate que dá prazer sem chocar a consciência”.

Ainda nesta capítulo é apresentada a discussão entre a visão biológica do esporte — onde surgem concepções evolucionistas, eugenistas e racistas — e a visão sociológica, onde privilegia-se o caráter cultural do esporte, analisado em suas relações concretas com as múltiplas instituições sociais.

A última questão apresentada pelo autor refere-se aos critérios de pertencimento ao esporte. Três critérios foram apresentados. O primeiro deles consistia em uma licença esportiva para aqueles que praticavam esporte. Seu maior problema consistia na transformação de um documento administrativo em documento sociológico. O segundo consistia em perguntar aos próprios participantes, tomando por base uma lista de critérios de pertencimento ao esporte previamente definidos, se eles eram esportivos. O problema deste enfoque é a dificuldade em se definir o fato esportivo a partir de um processo de questionamento social onde, como se sabe, a maneira como é formulada uma questão sociológica pode levar a um determinado tipo de resposta ou a outro. O terceiro critério é mais radical — deixa-se ao entrevistado a responsabilidade de julgar se o que ele faz é ou não esporte. Esta rejeição das definições preexistentes equivale a romper com a visão institucional para restabelecer o ponto de vista dos próprios atores envolvidos no processo: não haveria, assim, esporte, mas *esportes*.